

A representação do contexto sócio-político nos romances

Esaú e Jacó e Memorial de Aires de Machado de Assis

Resumo:

O presente trabalho pretende mostrar como se reflete a situação sócio-política da época do Segundo Império e dos anos iniciais da República em dois romances da fase realista da criação do escritor brasileiro Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908), nomeadamente em *Esaú e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908). Estas duas obras, que ainda não foram traduzidas para checo, proporcionam um panorama da situação vigente no Brasil da época. Após uma breve apresentação do contexto histórico, é analisada a Igreja católica e a sua posição enfraquecida; a instituição da escravidão e a sua abolição; a estratificação da sociedade; a situação da mulher e a polarização do povo entre monarquistas e republicanos.

O nome de Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) é conhecido mundialmente como representante das épocas romântica e realista da literatura brasileira. O autor passou a vida toda na capital do Brasil na época, Rio de Janeiro. Nasceu no Período Regencial, a maioria da sua vida situou-se no Segundo Império, e ele ainda foi testemunha dos primeiros anos da República. Vivia em uma época de grandes mudanças e, sendo um observador excelente, projetou os movimentos sociais e políticos na sua obra. Articulam-se estas observações em maior medida na fase realista da produção do autor; nas suas crônicas, contos e romances. O público leitor checo dispõe de traduções de dois romances realistas machadianos, nomeadamente: *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*, o livro *Quincas Borba* foi traduzido para eslovaco. O presente trabalho dedica-se a uma exposição breve das questões sócio-políticas tratadas nos livros *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*, ainda não traduzidos para checo.

Contexto histórico

Antes de proceder à análise dos livros é importante apresentar brevemente o contexto histórico da época na qual o autor vivia. Com a abdicação de Pedro I, em 1831, começa a época regencial, até a maioridade de Pedro II, proclamada em 1840. Durante esta época, na falta de uma autoridade, viram à toa muitos problemas tanto no nível interior como nas relações internacionais. Muitos desses acontecimentos foram cruciais na formação da cena política na esquina do século.

O Período Regencial foi marcado pelas articulações da insatisfação do povo por meio de revoltas. Registram-se cinco encontros do povo com as tropas no Rio e várias sublevações por todo o país, como a Guerra dos Cabanos em Pernambuco, a Cabanagem no Pará, ou a Guerra dos Farrapos no Rio Grande do Sul, entre muitas outras. Embora alguns movimentos conseguissem por algum tempo proclamar a sua respetiva independência, no final foram todas reprimidas. Mesmo assim, o Brasil enfrentou uma crise muito profunda, a ameaça da sua descomposição estava viva.

O conflito mais marcante em nível internacional foi a Guerra do Paraguai, entre 1864 e 1870. O confronto entre o Brasil e Paraguai ocasionou grandes perdas de soldados em todos os

lados. No Brasil, aprovou-se uma lei de “escravos da Nação“, que libertou alguns escravos para se unirem ao Exército, facto crucial para a sua emancipação posterior. O Brasil saiu do conflito como ganhador, mas mesmo assim sofreu grandes perdas.

Um dos aspetos que mais marcou os acontecimentos sócio-políticos e intensificou o surgimento de posturas políticas diferentes foi a questão da abolição. A aprovação de Aberdeen Act da parte da Grã-Bretanha, em 1845, permitiu a esta para prender os barcos brasileiros que transportassem negros. O próximo passo importante foi a aprovação da Lei do Ventre Livre, em 1871, seguia-se a chamada Lei dos Sexagenários, de 1885; que garantiu a liberdade aos escravos de mais de 60 anos da idade. As medidas mostraram-se insuficientes e o povo levantou a voz cada vez mais. A filha de Pedro II, a princesa Isabel, em regência, aprovou, no ano de 1888, a Lei Áurea, que definitivamente aboliu a escravidão. Com esse ato a instituição da escravidão terminou formalmente, mas na realidade a transição da sociedade demorou muito mais, pois “[a] abolição da escravatura não criou as condições para que os antigos escravos pudessem alcançar a igualdade, a cidadania plena.”¹ Com o fim do fluxo dos escravos ao Brasil surgiu um problema de falta de mão-de-obra, principalmente nas regiões cafeeiras de São Paulo. Nasceu uma solução nova: atrair mão-de-obra estrangeira. Começaram a chegar italianos, alemães e pessoas de Ásia.

As polémicas do momento provocaram opiniões diferentes que levaram à polarização da sociedade, no caso a divergências entre os Conservadores (chamados de Saquaremas) e os Liberais (conhecidos também como Luzias). O maior desentendimento entre os dois partidos foi causado pela questão da centralização do poder. Em 1873 foi formado o Partido Republicano Paulista, que veio à defesa de federação, isso é, a unidade básica do país seria a província. Reclamaram também que contribuindo muito ao rendimento do Império, não receberam remuneração proporcional. Em 1887, formou-se o Partido Republicano Federal, que uniu os núcleos do movimento espalhados pelo país. Do outro lado estavam os monarquistas, os quais

¹ Jaci Maria Ferraz de Menezes, “Abolição no Brasil: A construção da liberdade“, (Revista *HISTEDBR*, v.9, n. 36), p. 100.

louvavam a estabilidade que se sentia durante o Império e destacavam como um fato positivo a “paz interna e externa garantindo a unidade nacional, o progresso, a liberdade e o prestígio internacional.”² Atribuíaam ao Império o ato progressista da abolição da escravidão, ressaltavam a sua integridade, classificando a monarquia brasileira como uma potência no contexto lationamericano.

Outro fator muito importante para a desestabilização do sistema monárquico era a atuação de grupos religiosos. Na época havia oficialmente uma hegemonia da Igreja Católica, imposta pelos portugueses no século XVI e vigente durante séculos, mas esta começou a perder o seu poder na política. O Clero da Igreja católica era tradicionalmente muito ligado aos acontecimentos políticos no Brasil. Este facto não é estranho, pois os clérigos recebiam educação especial e eram encarregados de assuntos de administração das freguesias. Ainda durante o Império de D. Pedro II, as eleições para a Câmara dos Deputados tinham lugar nas igrejas, mas como neste processo eram frequentes abusos, cresceu cada vez mais a insatisfação da sociedade com tanta influência do Clero na política. Começaram-se então a tomar medidas para excluir o Clero da esfera política. Durante o Segundo Império, nota-se o aparecimento de alguns grupos religiosos, organizados em comunidades fechadas, como os Muckers, no Rio Grande do Sul, ou mais tarde o grupo ao redor de Antônio Conselheiro, no sertão. Esta segunda seita provocou a intervenção do exército, que gastou várias tentativas até combater o grupo. Também chega ao Brasil o espiritismo, que pretende ser uma síntese de religião, filosofia e ciência³. Partindo da idéia que as almas de mortos comunicam com as pessoas vivas, nos salões burgueses popularizaram-se as chamadas mesas dançantes. Em 1883 foi fundada a “Federação Espírita Brasileira”⁴, com o alvo de unir aos adeptos já em nível nacional. Os espiritas passaram por fases difíceis, mas a doutrina sobreviveu e continua até hoje no Brasil.

² Boris Fausto. *História do Brasil*, (São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo), p. 392.

³ Cf. Paulo César da Conceição Fernandes, *As Origens do Espiritismo no Brasil: Razão, Cultura e Resistência no Início de uma Experiência (1850-1914)*, dissertação de mestrado, (Brasília, 2008), p. 7.

⁴ Idem, *ibidem*, p. 88.

Os discursos da época incluíam muitas vezes o tema da oposição entre a Monarquia e a República. Estes eram influenciados pela chegada de novas correntes de pensamento: evolucionismo, cientifismo, materialismo e positivismo. Este último chegou a ser uma das ideias centrais dos republicanos e ganhou até representações formais na República. A circulação livre das novas ideias fez com que os órgãos da Monarquia perdessem o controle sobre as doutrinas difundidas. Cada vez mais monarquistas convencidos familiarizaram-se com as ideias positivistas. Pela sua proximidade à sede da Corte, o eixo principal de difusão das ideias e da cultura tornou-se a Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, com os seus estabelecimentos. Assim, as ideias positivistas chegam até

“à população ágrafa, que aprende e apreende através do que vê e ouve nas ruas. Na rua, agora positivada e desejada, a nova cultura democrática e científica vai frequentar as poesias, os romances, os jornais, as revistas ilustradas, as conversas nas confeitarias, os desfiles carnavalescos. A estreiteza e a centralidade da rua do Ouvidor na vida do Império criou uma situação ótima para a difusão dessa novidade.”⁵

Mais um aspeto que contribuiu significativamente à mudança de regime foi a importância que ganhou o Exército após a Guerra do Paraguai.

Depois de uma revolução ao 15 de novembro de 1889, Brasil tornou-se uma República federativa liberal⁶, organizada sob o lema positivista “Ordem e Progresso”. A passagem foi pacífica, mas permaneceram alguns problemas da época anterior e também surgiram novos conflitos. O governo provisório foi liderado por Deodoro da Fonseca, um marechal. Este perdeu cedo a popularidade, porque floresceu a corrupção; o marechal fez tudo para proteger os veteranos da Guerra do Paraguai. Havia também uma oposição dentro do Exército, os veteranos agrupados à volta de Deodoro não eram positivistas e enfrentaram-se ao outro grupo, liderado por Floriano Peixoto. A insatisfação com a situação vigente tornou-se cada vez mais forte, e resultou na demissão do marechal Deodoro, quem foi substituído por Peixoto. Mesmo assim, a situação ia-se agravando, nas províncias houve revoluções, sufocadas pelo

⁵ Maria Teresa Chaves de Mello, “República vs Monarquia: a consciência histórica da década de 1880”, p. 21.

⁶ Cf. Boris Fausto. *História do Brasil*, p. 249.

Exército. Os incidentes levaram à necessidade de passar o poder às mãos de um civil, neste caso a um candidato de São Paulo, Prudente de Morais.

A República trouxe também novas realidades monetárias. Ocorreu um fenômeno de «febre de ações», os valores subiam muito rapidamente. As realidades sociais como a imigração crescente, mudaram os valores. Emitiram-se moedas, mas isto levou à inflação e falência de vários negócios montados durante a época do encilhamento, muitas vezes produtos de especulação.

Análise dos romances escolhidos

A seguir, procederemos à introdução dos livros em questão, e vamos ver até que ponto coincide a imagem da realidade sócio-política concebida por Machado com o esboço traçado por nós.

Esau e Jacó, o penúltimo romance que o autor publicou, em 1904 pela editora Garnier, descreve o período marcado pela crise da Monarquia. Nele, apresenta-se ao leitor uma sociedade polarizada, sendo aliás toda a obra construída ao redor da ideia da dualidade. Os aspetos causadores do desmoronamento do Império atingem o seu auge de tal forma que até os protagonistas, os gêmeos Pedro e Paulo, não passam de uma alegoria das ideias que representam, mais do que personagens credíveis com traços humanos. O romance começa com a visita de Natividade a uma cabocla para saber do futuro dos filhos, os gêmeos Pedro e Paulo. A mãe e o marido, Agostinho Santos, que provêm de entorno modesto subiram na ladeira social e esperam um futuro glorioso para os filhos, já agora o mesmo interpretam das palavras da cabocla. Eles já brigam na ventre da mãe, que leva aos pais e confiantes deles a supôr alguma coisa extraordinária acerca dos filhos. Os meninos continuam a brigar a vida toda, até representam correntes políticas inimigas: Pedro é conservador, já Paulo é republicano. As coisas se complicam quando os dois se apaixonam pela mesma moça, Flora. Esta, filha do casal ambicioso Batista, não sabe como escolher, acaba morrendo sem se decidir. Os filhos competem por ela até depois da sua morte, e nem as tentativas de conciliação por parte da mãe e um amigo de família, o conselheiro Aires,

trazem sucesso. No final, os dois conseguem entrar na Câmara, mas prosseguem com a rivalidade.

O último romance de Machado de Assis é o *Memorial de Aires*, publicado pela Garnier em 1908, no mesmo ano em que o autor faleceu. Temporalmente, o enredo é anterior ao de *Esaú e Jacó*, abrange os anos 1888-1889. Não é por tanto de admirar que um dos temas tratados é o da emancipação dos escravos. O livro contém notas do conselheiro Aires, um ex-diplomata que voltou para o Brasil. Através da sua irmã Rita conhece um casal, os Aguiar. Estes nunca tiveram filhos, mas gostam muito do afilhado deles, Tristão que se mudou para Portugal e pretende seguir uma carreira política lá. Têm também uma moça da qual cuidam como se fosse deles. Chama-se Fidélia, e é uma viúva jovem, Aires lhe acha muita graça. O pai da moça é o barão Santa Pia, um fazendeiro. Este, nas vésperas da Abolição resolve libertar os escravos, morre pouco depois. A fazenda é herdada por Fidélia, quem a doa aos libertos. Entretanto, ela torna-se noiva de Tristão e os dois decidem largar tudo no Brasil e partem para Portugal. A história termina com a reconciliação de Aires com a sua terra.

Os romances apresnetam aspetos de intertextualidade. Como sabemos do prólogo a *Esaú e Jacó*, o conselheiro Aires deixou as suas memórias em seis cadernos, o sétimo conteve a história dos gêmeos. No *Memorial*, resumem-se os acontecimentos dos anos cruciais da abolição, deixando fora os episódios que não dizem respeito ao enredo principal. No que se refere à forma do livro, o *Memorial* mantém a forma de diário, é datado e narrado em primeira pessoa pelo conselheiro Aires, enquanto *Esaú e Jacó* é narrado em terceira pessoa, e o mesmo conselheiro aparece nele como uma personagem secundária. Do gênero memorialístico já podemos pressupor que o livro contenha reflexões íntimas do ex-diplomata, isso é, não necessariamente destinadas a serem compartilhados com o público. Como observa Wolmyr Aimberê Alcantara Filho, Machado de Assis “deixa de lado as ilusões quanto ao público e cada vez mais metaforiza e

presentifica em seus escritos a exigüidade e a quase inexistência de um leitorado brasileiro, o que se converteria na fragilidade da relação entre escritor e público.”⁷

Nos dois romances encontramos uma apresentação do contexto histórico através da vida dos personagens. Através do privado, sabemos do público. São apresentados vários tópicos que vamos classificar a seguir, para a melhor compreensão do retrato da época.

Ambições sociais

Uma das figuras centrais do livro *Esau e Jacó* é Agostinho Santos. Este homem tornou-se banqueiro, durante a chamada febre das ações “[g]anhou logo muito, e fê-lo perder a outros.”⁸ Ele foi capaz de subir socialmente sem ter compaixão para com os outros, tendo em vistas somente a prosperidade própria. Santos aspira ao lugar de deputado e depois de senador, porque é um cargo vitalício, o que no entendimento dele é igual ao eterno.⁹ Ele logra a atribuição do título de barão, apresentando-o como uma prenda de aniversário para a sua mulher. A emoção provocada pelo título, por parte da mulher, dos filhos e até dos escravos, diz muito sobre a importância dessa formalidade, que serve para mostrar aos demais um certo status social.

Natividade, a esposa de Santos, vem tal como o marido da camada pobre, mas destaca-se pela sua beleza. Casa com Agostinho e adapta-se com muita naturalidade à nova posição na sociedade. Outrora admirada também pelo conselheiro Aires, pede-lhe para a ajudar com a reconciliação dos filhos. A personagem de Natividade pode funcionar como uma alegoria do país. Como mãe dos gêmeos, ela até certo ponto consegue unir dentro de si as duas forças opostas: a republicanista e a monarquista. Um momento que apoia esta hipótese é o baile da Ilha Fiscal, o último evento antes do fim da Monarquia, onde Natividade “[n]ão é que ainda dançasse, mas sabia-lhe bem ver dançar os outros, e tinha agora a opinião de que a dança é um prazer dos olhos. Esta opinião é um dos efeitos daquele mau costume de envelhecer.”¹⁰ Podemos deduzir, que já

⁷ Wolmyr Aimberê Alcantara Filho, *História e política no Memorial de Aires, de Machado de Assis*, tese de mestrado (Vitória, 2009), p. 32.

⁸ Joaquim Maria Machado de Assis, *Obras completas*, volume I (Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, S.A., 1994), p. 954.

⁹ Cf. Raymundo Faoro, *Machado de Assis: A pirâmide e o trapézio* (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974), p. 90.

¹⁰ Joaquim Maria Machado de Assis, *Obras completas*, volume I, p.1006.

há falta de ação, ela torna-se meramente uma acompanhante dos acontecimentos. Natividade perde o controle sobre os filhos, e do mesmo jeito o país se encontra só como espectador nas lutas entre as forças monarquistas e republicanas.

No romance encontramos ainda outra dupla de personagens que também têm muita ambição para chegar mais longe: o casal Batista. O marido, antigamente presidente de província, achava-se aliado do partido conservador. Depois de perder o título, a mulher dele, Dona Cláudia, confessa ter saudades dos velhos tempos. Ela revela-se o motor da ambição do homem, realiza-se através do marido: sugere-lhe a ideia de que ele no fundo sempre era liberal, só não se manifestou abertamente. O conservadorismo dele veio unicamente de tradição, como se fosse herdado. Ele concorda com a ideia e confessa isto a Aires. Dona Cláudia vê que o partido liberal ganha cada vez mais poder, por isso incentiva o marido para concorrer para um novo cargo e ele acaba recebendo uma comissão. O marido pensa em publicar um manifesto, mas por advertência da mulher não o faz e acaba perdendo o cargo. Quando logra um encontro com o marechal e depois conta a Dona Cláudia como correu, esta se mostra insatisfeita: “[a] recepção não lhe pareceu que fosse má, mas podia ser melhor. Com ela, seria muito melhor.”¹¹ Batista, ao contrário da mulher, mostra-se covarde, não se atreve dizer o que pensa, agir por conta própria.

Finalmente, apresentamos ainda algumas reflexões sobre Nóbrega, um dos pretendentes recusados por Flora. Este, no início do romance, recebe uma prenda de dois mil-réis de Natividade, quando ela, contente com a predição da cabocla, está a voltar do morro do Castelo para casa. Nóbrega, na altura um andador de almas, acha que Natividade quer livrar-se do peso da consciência por ter andado de aventuras amorosas.¹² Passados alguns anos, Nóbrega, já rico graças ao capital que na altura recebeu da mulher de Santos, muda de ideias e considera-a uma santa¹³. O dinheiro, neste caso, assegurou não só uma elevação de nível da vida, mas também serviu como meio para apagar os preconceitos duvidosos formados por Nóbrega acerca dos

¹¹ Idem, *ibidem*, p. 1048.

¹² Cf. Idem, *ibidem*, cap. 3.

¹³ Cf. Idem, *ibidem*, cap. 103.

motivos da generosidade de Natividade. Podemos então assumir que, retrospectivamente, aparece nos homens uma sensação nostálgica e avaliam o passado como belo, o mal será esquecido. O acima mencionado Nóbrega também fez carreira: de um pobre sem nada tornou-se rico, cometendo fraude, pois ele ficou com a nota recebida de Natividade para a missa de almas. No final do livro, já rico, como um pretendente de Flora, vemos que não dispunha de educação – a evidência disto é que não consegue redigir sozinho uma carta de declaração de amor a Flora, tem que pedir o favor de um empregado¹⁴. Vê-se que apesar de ter dinheiro e ter a possibilidade de viajar e conhecer outras culturas, não necessariamente se torna um homem mais educado e culto. Assim, o autor mostra que a riqueza nem sempre era acompanhada de cultura e inteligência na sociedade da época.

O livro *Memorial de Aires* também conta com a presença de um jovem ambicioso: Tristão. Este casa com Fidélia, a herdeira da fazenda Santa Pia. Com a união dos dois o destino da fazenda ganha um novo rumo. Tristão, para desmentir a hipótese de casar com a viúva por razões econômicas, sugere doar a propriedade aos libertos. Outro motivo é que Tristão quer voltar a Portugal e a fazenda representaria um obstáculo. Fidélia concorda e faz a doação. Na realidade, o casal não perde nada, até ganha com esse ato, porque a sustentação seria deficitária. Aires vê na venda a intenção, mas não faz nenhuma crítica aberta, pois isso significaria confessar a falha da própria classe social, que não sabia lidar com o assunto a tempo.

A partida de Tristão e Fidélia para a Europa é também muito simbólica. Os dois, quando voltam ao Rio, criam muita ilusão nos padrinhos, que não têm filhos. O casal Aguiar espera que a união dos jovens faça com o que o político resolva ficar no Brasil por causa da mulher. Como esta deixa a fazenda aos libertos, a esperança dos padrinhos desvanece. Os jovens demonstram desapego não só em relação aos padrinhos, mas também ao Brasil, personificando “a indiferença de uma elite que não tem compromissos com o Brasil, e por isso pode abandoná-lo, quando um outro lugar acena com melhores oportunidades.”¹⁵ Partem com a herança de Fidélia (com execução

¹⁴ Cf. Idem, *ibidem*, cap. 103.

¹⁵ Wolmyr Aimberê Alcantara Filho, *História e política no Memorial de Aires, de Machado de Assis*, p. 96.

da fazenda) e vão rumo a Portugal para seguir as ambições de Tristão, e talvez para investir a herança. Com um pouco de exagero podemos afirmar que os dois saquearam o que puderam em seu país e pagaram as preocupações dos Aguiar com ingratidão.

Forças inconciliáveis

O conflito entre os gêmeos Pedro e Paulo constitui o eixo central do romance *Esau e Jacó*. Na verdade, todas as ações deles servem ao autor de pretexto para manifestar as opiniões políticas opostas, existentes na sociedade brasileira da época: “[t]rata-se na verdade de um modo de dramatizar os conflitos ideológicos da época (momento final do Império e ascensão da República) cujos chavões e senso comum são encampados pelos irmãos e são representados através deles.”¹⁶ A briga entre os dois começa já no ventre da mãe, fato ao qual todos atribuem extrema importância. Já durante a escolha dos nomes vêm à toa alusões bíblicas e históricas, verifica-se que ao longo do tempo sempre havia inimigos e rivais em famílias ilustres. Pedro é descrito como mais dissimulado, mas também mais calmo. No seu caráter moderado e visão monarquista coincide com o Imperador, também chamado Pedro. Ao contrário, Paulo, que é republicano, é mais inquieto, agressivo, e custa-lhe controlar-se.

A diferença entre as atitudes e os temperamentos dos dois podemos resumi-la em alguns dos muitos exemplos. Paulo, um dia, escreveu um discurso com intenções republicanas, mas não necessariamente evidentes. O pai orgulhou-se muito do filho e fez chegar o discurso à regenta Isabel, explicando que o filho não era republicano, mas um liberal de 1848¹⁷. Paulo zangou-se muito e resolveu esclarecer tudo por meio de um artigo. Pedro consegue controlar-se mais, ele brinda à República por pedido da mãe¹⁸. Para acentuar as diferenças entre os dois, serve de exemplo como se referem à mesma data, a de nascimento. Sempre quando alguém lhes perguntou

¹⁶ Marcos Rogério Cordeiro, “O conflito de caracteres na obra de Machado de Assis” (*Anais do SILEL*, v. 1, n. 1), disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/?page_id=5554, (acesso em: 30/11/2019), pp. 6-7.

¹⁷ Cf. Machado de Assis, *Obra completa*, volume I, cap. 43.

¹⁸ Cf. Idem, *ibidem*, cap. 65.

a data do aniversário, “Paulo respondeu: — Nasci no aniversário do dia em que Pedro I caiu do trono. E Pedro: — Nasci no aniversário do dia em que Sua Majestade subiu ao trono.¹⁹”

Durante a trama, há só três coisas que unem os irmãos. A primeira é o amor pela mãe e por Flora. O amor pela moça é, porém, outra vez a causa de divergências. Cada um quer provar que tem mais sentimento por ela que o outro, até depois da morte dela. A segunda coisa que têm em comum é a ambição de se tornar deputado e, depois, presidente. No fim do romance chegamos a saber que “Paulo entrou a fazer oposição ao governo, ao passo que Pedro moderava o tom e o sentido, e acabava aceitando o regímen republicano, objeto de tantas desavenças.”²⁰ Podemos explicar este desenlace pela natureza dos dois irmãos. Enquanto Pedro se conforma mais facilmente com a realidade vigente, Paulo sempre anda em busca de um ideal. A terceira coisa em que os irmãos concordam é a abolição da escravidão. Podemos assim dizer que Pedro e Paulo representam a sociedade humana de todos os tempos, na qual sempre há um grupo que se contenta com o que tem, e o outro que procura sempre algo diferente, nunca haverá regime que agradasse a todos, sempre se levantará nele alguma oposição que vai querer criar algo novo, diferente. No que se refere à questão de gêmeos, a disputa será também eterna – fato simbolizado pela situação quando os dois conseguem a cadeira de deputado e cada um tem a ambição de ser presidente, que é, porém, uma posição de vaga única.

Forças conciliadoras

Uma personagem conciliadora, que se encontra entre dois polos opostos, é a jovem Flora. Apaixonada por ambos os irmãos, ela fica na dúvida e é incapaz de escolher um deles, está consciente da impossibilidade da reconciliação. Chega a uma situação sem saída: recusa todos os pretendentes e entra em delírio, incapaz de escolher. Segundo Duarte, “[a] morte de Flora simboliza a impossibilidade de superação das antíteses em busca da síntese perfeita”²¹, ou seja, sendo um dos rapazes liberal e o outro conservador, os dois não se conciliarão dentro do mesmo

¹⁹ Idem, *ibidem*, p. 976.

²⁰ Idem, *ibidem*, p. 1086.

²¹ Marcos Rogério Cordeiro, “O conflito de caracteres na obra de Machado de Assis”, p. 10.

regime. O falecimento da moça é por tanto ao mesmo tempo “a morte da esperança de um país mais democrático e melhor unificado, feito de sujeitos esclarecidos e emancipados, que abrisse seu curso para as promessas da modernidade.”²²

O conselheiro Aires, apesar de já ter terminado a carreira, é marcado por ela, mantendo sempre os ares de diplomata. Consegue agradar a todos, pois como diplomata sempre fala de maneira oportuna aos dois lados. O que merece crítica é a situação que ele lembra ao passar pela rua e ver uma multidão de gente. A sua memória leva-o ao Caracas da altura de mudança de governos. Ele passa lá o tempo a namorar, e mesmo ouvindo os rumores da rua, não lhes dá atenção, dedica-se à amante²³. Ele mostra-se indiferente com a situação política, importa-lhe mais lembrar um passatempo agradável.

Aires faz muitas reflexões sobre a sociedade ao redor. Uma delas é inspirada pela situação quando ele vê um gatuno e começa a ponderar se é sempre correto obedecer à autoridade, pois cumprir “as leis sempre, sempre, sempre, é violar a liberdade primitiva.”²⁴ Em outra ocasião ele vê um burro a ser castigado pelo dono e inventa um monólogo que poderia ser proferido pelo animal.²⁵ O burro nega a mexer-se e Aires pensa que o dono até pode castigar o animal por não lhe obedecer, mas não conseguirá impedir-lhe de chamar o proprietário, no seu interior, de nomes feios. Podemos ver aqui uma associação com a sociedade: os que estão nas esferas mais altas podem mandar e ser obedecidos pelo povo, mas nem sempre por vontade própria e com respeito. Como diz Cláudio Roberto Duarte, as cenas citadas “remetem a um só tema: a desigualdade e a possibilidade da revolta popular, que amedrontam as mentes conservadoras.”²⁶ Também merece ser mencionada a ideia do conselheiro Aires em relação à mudança do regime. Ele responde às preocupações de Santos: “[n]ada se mudaria; o regímen, sim, era possível, mas também se muda

²² Cláudio Roberto Duarte, *Nada em cima de invisível: Esaú e Jacob, de Machado de Assis. As aventuras do dinheiro a transição do Império à República*, p. 221.

²³ Cf. Machado de Assis, *Obra completa*, volume I, cap. 40.

²⁴ Idem, *ibidem*, p. 997.

²⁵ Cf. Idem, *ibidem*, cap. 41.

²⁶ Cláudio Roberto Duarte, *Nada em cima de invisível: Esaú e Jacob, de Machado de Assis. As aventuras do dinheiro a transição do Império à República*, tese de doutorado (São Paulo, 2018), pp. 198-199.

de roupa sem trocar de pele²⁷.” Ele sublinha que a vida cotidiana não muda assim de um dia para outro apenas com uma mudança política, as coisas do dia a dia têm a tendência de continuarem na mesma. A figura do conselheiro é bastante complexa, pois abrange duas personalidades: a do homem civil, e a do diplomata. No entanto, estas duas faces não lhe são incompatíveis, porque como conta ele mesmo, desde criança tem a índole conciliadora:

“[c]ontava minha mãe que eu raro chorava por mama; apenas fazia uma cara feia e implorativa. Na escola não briguei com ninguém, ouvia o mestre, ouvia os companheiros, e se alguma vez estes eram extremados e discutiam, eu fazia da minha alma um compasso, que abria as pontas aos dois extremos. Eles acabavam esmurrando-se e amando-me.”²⁸

Verifica-se então que a carreira diplomática deve ter sido uma escolha certa, pois combinou bem com a natureza conciliadora de Aires. Mesmo assim, ele confessa em um momento que acha a escolha da profissão errada, devia ter optado pela música. Aires está consciente de ter sido como diplomata apenas uma figura sem grande utilidade profissional: “[a] diplomacia que exerci em minha vida era antes função decorativa que outra coisa; não fiz tratados de comércio nem de limites, não celebrei alianças de guerra; podia acomodar-me às melodias de sala ou de gabinete. Agora vivo do que ouço aos outros.”²⁹ Esta afirmação pode ter um sentido duplo: ele ouve não só a música dos outros mas, devido a sua ausência de muitos anos no Brasil, ele só sabe o que lhe conta sobre os outros a sua irmã mais velha, Rita. Ele «se nutre» das histórias dos demais, é um participante passivo dos acontecimentos. A relação com a política deu-lhe entrada nas altas rodas da sociedade, mas ele lá não ganhou muito prestígio. A carreira de três décadas não lhe trouxe influência nenhuma, só um título decorativo. Na realidade, ele mostra achar mais poder conciliador na música do que na diplomacia: “a arte [...] naturaliza a todos na mesma pátria superior.”³⁰ A vida política e privada misturam-se sempre nos atos do conselheiro. Ele quer se livrar, na vida privada, da desconfinça que estava sempre presente na vida política: “[q]uando eu era do corpo diplomático efetivo não acreditava em tanta coisa junta, era inquieto e desconfiado; mas, se me aposentei foi justamente para crer na sinceridade dos outros. Que os

²⁷ Machado de Assis, *Obra completa*, volume I, p. 1031.

²⁸ Idem, *ibidem*, p. 1151.

²⁹ Idem, *ibidem*, p. 1142.

³⁰ Idem, *ibidem*, p. 1144.

efetivos desconfiem!”³¹ A desconfiança, contudo, o persegue também nas relações com os demais, ele sempre encontra alguma coisa que o faz questionar a sinceridade de outrem. Não acredita no altruísmo de Tristão, o afilhado dos Aguiar que se torna pretendente de Fidélia. Quando este volta de Lisboa, o ex-diplomata vê segundas intenções detrás da máscara de somente rever os padrinhos, os quais ignorou durante anos. Tristão muda de opiniões políticas sempre segundo mais lhe convém e até troca de nacionalidade para chegar aos círculos políticos mais altos em Portugal. Há mais exemplos a respeito, e Aires admite que vê alguma dissimulação no rapaz, mas acha-o necessário para o rapaz encaixar na sociedade. Como observa Alferdo Bosi, “[a] perspectiva diplomática de base aceita a máscara como uma necessidade das relações interpessoais na sociedade, tal como ela é, aqui e agora.”³² Há tentativas por parte do ex-diplomata para convencer a si mesmo de que sente simpatias por Fidélia e Tristão. Após ouvir tocar os dois, conclui: “[e]u saí encantado de ambos”. E reforça essa impressão algumas linhas mais baixo: “[r]epito que saí de lá encantado de ambos.”³³

No que se refere aos acontecimentos históricos no Brasil, Aires não consegue tomar partido em nada, não só pela questão de sua personalidade e do costume de diplomata de não se posicionar, pelo menos não abertamente, mas também por viver muito tempo fora. Segundo Raymundo Faoro,

“[o] conselheiro Aires [...] é a consciência melancólica do fim dos tempos. Vê o abolicionismo, a República e o *encilhamento*, sem se engajar em nada, incapaz de se associar aos acontecimentos, identificado, para comodidade do papel, a um diplomata que perdeu a noção da realidade brasileira.”³⁴

Aires não conhece mais a situação do seu país, por isso às vezes a sua atitude aproxima-se à indiferença. No final, o ex-diplomata confessa que voltou para o Brasil para reconciliar-se com a terra natal.

Escravidão

³¹ Idem, *ibidem*, p. 1191.

³² Alferdo Bosi, *Machado de Assis: O enigma do olhar* (São Paulo: Editora Ática, 1999), p. 140.

³³ Ver Machado de Assis, *Obra completa*, volume I, p. 1143.

³⁴ Raymundo Faoro, *Machado de Assis: A pirâmide e o trapézio*, p. 359.

Devido à datação do enredo do *Memorial*, apresenta-se aos leitores uma crônica da fase final do movimento abolicionista. Podemos ver os resultados da luta, coincidindo a primeira reunião na casa do casal Aguiar com a aprovação da Lei do Ventre Livre. Já aqui se mostra que a camada social de Aires não se preocupa com a situação dos escravos, pois o casal mostra mais alegria pela carta recebida de Tristão do que pelo fato da emancipação. O conselheiro conclui ao respeito que “[n]ão há alegria pública que valha uma boa alegria particular.”³⁵ Aires, talvez por ter vivido durante muito tempo fora do Brasil, não se deixa comover com os acontecimentos sócio-políticos no país, apenas acompanha os factos. Outra razão pode ser o facto de ele pertencer à elite social:

”[o] esforço para preservar a imagem da classe dominante, para justificar os comportamentos que podem comprometê-la, é constante nos comentários do conselheiro sobre as personagens e constitui [...] a feição social do narrador. Com efeito, Aires compartilha o desinteresse dos Aguiar pelo destino dos negros³⁶.”

Apresenta-se uma situação que ficou registrada em vários casos na época da emancipação: os grandes proprietários decidiram não esperar pela abolição oficial, e recorreram à libertação dos escravos antes de que fossem obrigados a fazê-lo por lei, seguindo, porém, interesses próprios:

“[a] defesa das alforrias em massa, que se generalizava entre muitos deles, buscava resgatar a ascendência moral sobre seus cativos, em especial nas áreas escravistas menos tocadas pelo tráfico interno. Os que as advogavam confiavam não apenas na gratidão dos libertos, mas sobretudo na força dos laços comunitários e familiares entre os cativos para mantê-los, se não nas fazendas, pelo menos na região. Embasavam-se, assim, em um saber senhorial sobre os libertos e procuravam usá-lo para recuperar o controle da situação.”³⁷

Na mesma situação se encontra o pai de Fidélia, o barão Santa Pia. A fazenda dele, no Vale da Paraíba, já está em declínio quando chegam as notícias da aproximação da lei que libertará os escravos. Os proprietários de repente enfrentam-se com a realidade do Império: não são eles que mandam. O orgulho do barão não permite, porém, que o governo tome decisões sobre a propriedade dele: “[q]uero deixar provado que julgo o ato do governo uma espoliação,

³⁵ Machado de Assis, *Obras completas*, volume I, p. 1118.

³⁶ Pedro Coelho Fragelli, “O *Memorial de Aires* e a abolição”, (*Novos Estudos*, n. 78, 2007), p. 198.

³⁷ Fernando A. Novais, Luiz Felipe de Alencastro (orgs.), *História da vida privada no Brasil: Império* (São Paulo: Companhia das Letras, 1997), p. 365.

por intervir no exercício de um direito que só pertence ao proprietário, e do qual uso com perda minha, porque assim o quero e posso.”³⁸ O barão conta com a lealdade dos libertos e decide alforriá-los antes do mandamento. Pouco depois falece, tal como o regime escravocrata. A fazenda é herdada por Fidélia e, no princípio, os libertos realmente continuam trabalhando lá. Porém, pouco a pouco começam a abandonar a fazenda e, quando Fidélia resolve vendê-la, os escravos querem ir com ela. Neste ponto Aires comenta: ”[e]is aí o que é ser formosa e ter o dom de cativar. Desse outro cativo não há cartas nem leis que libertem; são vínculos perpétuos e divinos.”³⁹ Vemos como o conselheiro ironiza a situação, privando-a da gravidade, e não pára por aí, ainda goza da cena dos libertos acompanhando Fidélia ao Rio de Janeiro. Outra vez se mostra aqui que o conselheiro consegue falar em tom leve de um assunto muito grave, pois com o declínio da produção cafeeira em Paraíba, os escravos não tinham na região mais oportunidades de trabalho e assim de sustentação.

Crise espiritual

Logo no início do romance *Esau e Jacó* temos três acontecimentos que se referem à questão da religião da sociedade brasileira da época. O primeiro é a missa de defunto servida por um parente pobre de Santos⁴⁰, celebrada numa igreja periférica, onde normalmente não passa gente «de classe». Santos e Natividade vêm de coupé, o que chama atenção no bairro. Não assiste à missa quase ninguém, além do casal vêm só mendigos a pedir esmola, o lugar é pobre, tal como era o defunto. Podemos notar a preocupação com a aparência, pois fica claro que os futuros barões cumprem com a obrigação de servir a missa de maneira muito discreta, para não se associar o falecido ao banqueiro, como prova a escolha da igreja e o anúncio sem pormenores.

Outro momento-chave é a visita de Natividade e a sua irmã Perpétua à cabocla no morro do Castelo para perguntarem pelo futuro dos gêmeos. A adivinha tem fama na cidade, dizem que as predições dela são muito pontuais, mesmo assim, Natividade pensa algum tempo antes de

³⁸ Machado de Assis, *Obras completas*, volume I, p. 1116.

³⁹ Idem, *ibidem*, p. 1138.

⁴⁰ Cf. Idem, *ibidem*, cap. 4.

procurá-la. A razão é simples: não é bem-visto na sociedade católica que uma pessoa dos círculos elevados faça consultas espirituais «às costas» da Igreja. Muita gente faz visitas à cabocla, até os oficiais da polícia, mas ninguém o confessa abertamente. Durante a visita, a adivinha do Castelo fala sobre «coisas futuras» e Natividade certifica-se que isso será algo positivo.

Santos promete à mulher não falar a ninguém sobre o assunto de rivalidade dos gêmeos, mas resolve consultar Plácido, um espírita. O lugar onde este reside é descrito como “uma espécie de clube, templo ou o que quer que era espírita. Plácido fazia de sacerdote e presidente a um tempo.”⁴¹Torna-se evidente que Santos realmente crê no ensinamento do mestre espírita. Este apresenta as suas ideias, que culminam na menção do nome dos filhos: “[c]reio que os próprios espíritos de S. Pedro e S. Paulo houvessem escolhido aquela senhora [Perpétua] para inspirar os nomes que estão no Credo; advirta que ela reza muitas vezes o Credo, mas foi naquela ocasião que se lembrou deles.”⁴² Seguem-se muitas reflexões, o mestre e Santos encontram simbologia em tudo que diz respeito aos filhos e os seus nomes. Mulher e marido confessam um ao outro que consultaram o destino dos filhos, e contentam-se com aquilo que os dois meios distintos tivessem concordado em que o destino de Pedro e Paulo seria glorioso.

Os casos citados resumem a situação espiritual do momento no Brasil. Mostra-se a hipocrisia dos protagonistas, os quais ainda participam dos rituais católicos, mas é por questão de costume e aparências e não por devoção. Não recebendo respostas nos cultos da Igreja Católica, os personagens procuram alternativas. Vê-se assim a fusão de vários ritos: D. Perpétua, mesmo sendo religiosa, apoia a consulta da cabocla; o casal Santos manda rezar uma missa, mas acreditam também nas predições do Castelo e nas palavras do mestre espírita. Expressa-se assim a ideia do sincretismo religioso, característico do catolicismo brasileiro até hoje.

Símbolo da situação política

Um símbolo muito citado sobre a situação política da época encontra-se o livro *Esau e Jacó*. Custódio, dono de uma confetaria, vem procurar o conselheiro Aires para pedir ajuda com

⁴¹ Idem, ibidem, p. 964.

⁴² Idem, ibidem, p. 968.

a tabuleta que ele mandou pintar. Ele conta primeiro como quis pôr outra camada de pintura na tabuleta velha, mas o pintor recusou: „Pintura nova em madeira velha não vale nada.“⁴³ Podemos supor que haja aqui uma alusão também ao sistema político: a sociedade já precisava de uma mudança completa, não bastava o câmbio dos políticos, era preciso renovar tudo de base. Outro problema abre-se com o título, porque a confetaria se chamava “de Império“. O conselheiro vem com muitas ideias, mas os dois sempre encontram algum argumento contra. Aires sugere nomear a confetaria da “República, do Governo, do Custódio, do Catete“⁴⁴. Custódio tem muito medo da oposição, para ele, o homem que não tem um cargo importante vive do negócio, o mais importante é manter os fregueses, para isso é necessário não ter inimigos, para não ser liquidado. A hipocrisia está omnipresente, as pessoas antes de ter uma opinião determinada, preferem agir sempre em prol da ideologia vigente, sacando os benefícios.

Conclusão

Terminada a análise dos romances, cabe resumir os temas tratados e avaliar em que medida os livros espelham as mudanças sócio-políticas esboçadas na primeira parte do artigo. Sendo Machado de Assis um excelente observador – aliás, esta sua qualidade foi elogiada até por um dos seus mais severos críticos, Sílvio Romero⁴⁵ – ele mostra a realidade da época indiretamente, através de cenas da vida cotidiana das personagens. Apesar disso, as suas narrativas, penetradas pela aguda observação irónica, representam um excelente testemunho do que era o Rio de Janeiro no século XIX.

Como os romances da fase realista do autor abrangem temporalmente os dois Impérios e o início da República, foi possível observar uma evolução das questões sociais e políticas abordadas nas narrativas. Os fatores que causaram a crise do regime e levaram à sua queda estão presentes em todos os livros, graças ao que temos uma explicação dos problemas desde o seu início até ao auge. Explica-se por este modo a necessidade da mudança do regime, mas ao mesmo

⁴³ Idem, *ibidem*, p. 1010.

⁴⁴ Cf. Idem, *ibidem*, cap. 63.

⁴⁵ Ver Sílvio Romero, *Machado de Assis: estudo comparativo de literatura brasileira* (Campinas: Editora da UNICAMP, 1992), capítulo XIX., pp. 307-320.

tempo podemos observar uma crítica da forma como esta deve acontecer: as ideias de fora, mais precisamente da França, não eram compatíveis com a realidade brasileira da altura.

Vamos agora expor a articulação gradual dos temas em questão nos romances. Primeiro, podemos afirmar que os livros mostram a vida da elite carioca, uma camada de aparências, rodeada de objetos de luxo. Os bacharéis formam-se sem interesse no curso e, mais do que conhecimentos na área, eles adquirem uma retórica afetada e esvaziada de conteúdo e modos de pseudo-intelectuais. Pedro e Paulo Santos não mostram vocação por aquilo que estudaram. Por meio dos estudos aspiram a entrar na carreira política e assim subir na ladeira social e viver uma vida de prestígio, luxo e ociosidade.

Ser político apenas por ambição pessoal, sem um programa de melhoramento da situação no país, implica uma indiferença em relação ao partido. Surgem, pois, tipos como o conselheiro Aires, desinteressado dos assuntos políticos, portador de um cargo decorativo. Os adeptos à carreira política querem entrar no alto jogo: a maioria dos personagens não tem problema de mudar de partido de um dia para outro, segundo convém no momento. O mais significativo é o caso de Batista, convencido pela mulher de se tornar liberal; mas até Pedro e Paulo, que têm opiniões políticas claramente formadas desde a infância, decidem nos capítulos finais por um deslocamento partidário. Um fenômeno associado a este problema é o do jornalismo. Os que fracassaram na política, resolvem nos romances machadianos fundar jornais dirigidos aos deputados e à oposição, criticando aqueles que estão no poder. O autor critica os artigos cheios de lugares comuns e de ideias mal interpretadas, roubadas dos autores da Europa.

Quem tem o capital, tem o poder. Alguns nascem em famílias abastadas ou herdam a fortuna, outros são espertos e conseguem subir por empréstimo de um amigo. Sem dúvida, é a aristocracia tradicional quem manda, mas a situação muda um pouco com o aparecimento de uma camada nova. As mudanças de condições econômicas levam à revalorização e mudança na hierarquia social: os livros machadianos testemunham a inflação e o fenômeno de encilhamento. As especulações financeiras permitem a aventureiros como Agostinho Santos ou o andador de almas Nóbrega para se inserirem nos círculos altos da sociedade.

Alguns dos especuladores contam com a ajuda da esposa: Natividade ajuda com os seus encantos a enredar “a vítima“ com vistas do êxito do marido. Já Claudia Batista é a personificação de uma mulher ambiciosa que não tem outra maneira de se realizar a não ser através do marido, levando-o ao abismo. Outro tipo ganha representação em Fidélia que se torna um brinquedo para Tristão: provavelmente não passa de ser mais do que uma fonte de capital para o político aspirante.

Chama a atenção a falta de uma classe média nos livros machadianos: a sociedade mostra-se dividida em elite, homens livres sem posses e escravos. Todos mostram dependência dos mais abastados. Nos romances temos uma descrição pormenorizada do processo da abolição. O barão Santa Pia liberta os seus escravos na véspera da aprovação da Lei Áurea, a sua filha doa a fazenda aos libertos. Um ponto importante feito por Machado de Assis é alertar ao problema da integração dos escravos libertos na sociedade. Sem educação, eles desconhecem as regras; não há emprego para eles, como podemos ver no caso dos libertos de Fidélia; e também não têm capital. O único que aprendem durante os anos de cativo são as maneiras brutas do dono.

Revela-se nas páginas dos livros também a crise da Igreja católica. Este pilar do Império conta com representantes que procuram nas suas ordens mais a realização de ambições pessoais do que o serviço de assistente espiritual. Os cultos: missas, enterros e orações tornam-se vazios. A crise da religião católica mostra-se em várias formas: Natividade consulta uma cabocla, o seu marido vai a um espírita. Mesmo os crentes mais fiéis dão, no fundo, preferência aos desejos pessoais perante a obediência às leis divinas

Podemos concluir que a análise das obras em questão trouxe uma imagem rica da sociedade brasileira do século XIX, em seus traços gerais correspondente às informações apresentadas na parte de contexto histórico. Há, porém um valor aditivo: como o autor olha para os acontecimentos com alguns anos de retrospeção, acrescenta uma avaliação de cada época, considerando as consequências positivas e negativas que a respetiva fase trouxe.

Bibliografia

Fonte primária

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Obra completa, volume I*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, S.A., 1994.

Fontes secundárias

ALCANTARA FILHO, Wolmyr Amberê. *História e política no Memorial de Aires, de Machado de Assis*. Vitória, 2009.

BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: O enigma do olhar*. São Paulo: Editora ática, 1999.

COLEHO FRAGELLI, Pedro. “O Memorial de Aires e a abolição.” In: *Novos Estudos*. São Paulo: Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, 2007.

CONCEIÇÃO FERNANDES, Paulo César da. *As Origens do Espiritismo no Brasil: Razão, Cultura e Resistência no Início de uma Experiência (1850-1914)*. Brasília, 2008.

DUARTE, Cláudio Roberto. *Nada em cima de invisível: Esaú e Jacob, de Machado de Assis. As aventuras do dinheiro a transição do Império à República*. São Paulo, 2018.

FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: A pirâmide e o trapézio*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da USP, 2006.

FERRAZ DE MENEZES, Jaci Maria. “Abolição no Brasil: A construção da liberdade.” In: *Revista HISTDEBR*, Campinas, 2009, pp. 83-104.

NOVAIS, Fernando A.; ALENCASTRO, Luiz Felipe de (orgs.). *História da vida privada no Brasil: Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ROMERO, Sílvio. *Machado de Assis: estudo comparativo de literatura brasileira*. Campinas:

Editora da UNICAMP, 1992.

Nome completo:

Viktória Polyáková

Lugar e data de nascimento:

Topolčany, 06/07/1994

Nível de estudos:

2º ano de Mestrado

Domicílio:

Jeremiášova 438/2, Povel, 779 00 Olomouc, República Checa

Endereço de correio eletrónico

polyak.viki94@gmail.com

Contato telefónico:

00421915518313

Nome da instituição académica de acolhimento:

Univerzita Palackého v Olomouci

Nome do tutor académico do trabalho:

PhDr. Zuzana Burianová, PhD.

Nota de aceitação:

Declaro que dou permissão para a difusão do presente trabalho pelas distintas universidades da República Checa e dos países ibero-americanos, bem como na página web www.premioiberoamericano.cz e noutros meios que o júri considere pertinentes.